

As trilhas no processo de escolarização de um Estudante surdo¹

MONICA DIAS DE ARAÚJO

Professora Assistente da Universidade do Estado do Amazonas UEA-CEST e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora do grupo de pesquisa EDUCA – Educação em contextos amazônicos - CEST/UEA

LUIZ ANTÔNIO GOMES SENNA

Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED/UERJ)

Abstract

The reflections and debates about the schooling process of the deaf student point out that there are several challenges to be overcome to guarantee the right to be, to belong and to learn of all students. Thus, the objective of the work is to reflect on the strangeness that the school has for the deaf as a student, highlighting the paths experienced by a deaf student in the schooling process. Among the methodological procedures adopted for the construction of the text, the following ones stand out: the selection of the theoretical framework, reading, discussion, record of the selected texts, selection of different works, conducting interviews with a bilingual deaf person, transcribing the interview and tabulation. And there was also the choice of the categories adopted in this work. On this topic, the inclusion of deaf people still depends on overcoming exclusionary practices that permeate the Brazilian educational system at all levels. However, we can highlight that the domain of orality and writing is not exclusive to listeners and that there are examples of possible paths, and successful experience in the universe of Brazilian deaf people.

Keywords: Schooling. Deaf. Exclusion. Inclusion.

¹ *The Paths in the Schooling Process of a Deaf Student*

Resumo

As reflexões e debates acerca do processo de escolarização do estudante surdo apontam que existem vários desafios a serem superados no sentido de garantir de fato o direito de ser, pertencer e aprender de todos os estudantes. Dessa forma, o objetivo do trabalho é refletir sobre o estranhamento que a escola tem do surdo enquanto estudante, destacando as trilhas vivenciadas por um estudante surdo no processo de escolarização. Entre os procedimentos metodológicos adotados para a construção do texto, destacamos a seleção do referencial teórico, leitura, discussão, fichamento dos textos selecionados, seleção de obras diversas, realização de entrevista com um surdo bilíngue, transcrição da entrevista e tabulação. E houve também a escolha das categorias adotadas neste trabalho. Sobre o tema, a inclusão de surdos ainda depende da superação de práticas excludentes que perpassam o sistema educacional brasileiro em todos os seus níveis. Contudo, podemos destacar que o domínio da oralidade e da escrita não é exclusividade de ouvintes e que há exemplos de sucesso, caminhos possíveis e experiência bem sucedida no universo de surdos brasileiros.

Palavras-chave: Escolarização. Surdo. Exclusão. Inclusão.

INTRODUÇÃO

Ao focar nas trilhas no processo de escolarização de um estudante surdo, compartilhamos debates e saberes que, algumas vezes, ficam restritos no âmbito acadêmico. Difundir experiências de sucesso e refletir sobre possibilidades reais de inclusão de surdos, significa reconhecer que há caminhos possíveis para minimizar ou extirpar a exclusão que ainda prevalece no sistema educacional, principalmente quando o estudante causa à escola, algum estranhamento. O processo de escolarização dos estudantes surdos está marcado pelo insucesso e pelo fracasso escolar. Somente alguns conseguem superar a incompreensão da diferença em função da surdez e dominar o processo de leitura e escrita. Nas políticas públicas, a oralidade não é determinada, contudo, há no universo de surdos quem defende a importância da oralização.

Assim, apresentamos com as **reflexões iniciais** deste texto, alguns apontamentos de autores que discutem a educação de surdos. A problematização levanta algumas questões que envolvem o processo de escolarização em meio às contradições da inclusão e exclusão, relacionadas aos estudantes que fogem de um padrão que, geralmente, a sociedade e escola estabelecem como “normal”.

Na sequência, destacamos **as trilhas de sucesso apontadas por um surdo**. Neste item, apresentaremos parte da entrevista realizada com Armando Guimarães Nembri, doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. No universo das pessoas surdas, ele socializa saberes e defende ideias que divergem da maioria dos surdos. Contudo, apresenta a esperança da superação da exclusão por meio da conquista dos espaços e do incluir-se a essa sociedade que deveria ser de todas as pessoas.

As discussões perpassaram também pelo processo de **domínio da oralidade, leitura e escrita**. Para Nembri, esse processo não foi simples, nem fácil. Antes teve que superar todo o complexo de inferioridade que sentia com as complicações da Síndrome de Goldenhar e alcançar sua autoaceitação. No entanto, foi possível devido aos fatores “condição” e “vontade”, aliados a “decoreba do esforço” com o “ensino concomitante”. O texto proposto é também um convite para conhecermos **o protagonismo do “eu sozinho”** que pode representar um caminho rumo à concretização da inclusão de estudantes surdos nas escolas brasileiras.

Reflexões iniciais acerca do processo de escolarização de estudantes surdos

A escola na vida do surdo nem sempre representa uma oportunidade para desenvolver e aprender. O estranhamento escolar que esses estudantes vêm enfrentando no processo de escolarização influencia diretamente nas suas representações sobre a escola e no insucesso escolar de vários surdos. De acordo com Senna (2015, p. 174), “o processo de letramento caminha a par e passo das intensões representacionais do aluno”.

Assim, faz-se necessário considerar os sujeitos “Felipes²” contemporâneos. Os “Felipes” podem ser representados por todo estudante que tende a se excluir ou ser excluído do processo, devido ao fato de não conseguir ou ter dificuldade para estruturar um texto ou pelo não pertencimento ao grupo que possui o domínio da linguagem oral e escrita. Observamos os “Felipes” também nos estudantes surdos, quando são vítimas de um modelo educacional que não é capaz de alcançar as suas demandas pedagógicas.

A exclusão profissional e social dos surdos ainda hoje confirma que a linguagem pode ser fonte de discriminação e de organização social restritiva. Essa discriminação não ocorre apenas quando há diferenças de nacionalidade, cor, perfil socioeconômico ou religioso. Entre os surdos e os ouvintes há uma grande diferença que os distingue: a linguagem oral (SANTANA; BERGANO, 2005, p. 566).

As perdas dos estudantes surdos perpassam também por um processo de separação que produz distinção entre ouvintes e surdos por uma questão cultural. Conforme Sapir (2012, p. 36) “podemos aceitar a cultura como o molde característico de uma civilização nacional”. Para o autor, sem celebrar ou acusar nenhuma cultura, a aceitação das condições específicas e traços de cada cultura é fundamental. Contudo, Santana e Bergano (2005, p. 566), alertam que:

a separação entre grupos humanos é produzida socialmente, bem como sua integração, na medida em que toda forma de preconceito, toda discriminação, todo o comportamento humano está subordinado à cultura que os constrói, propaga, veicula e sedimenta. São as normas sociais que “autorizam” essa separação, normas que organizam toda a nossa vida social, modos de falar, de sentir-se, de atuar no mundo, de pensar etc. O modo como a surdez vem sendo descrita está ideologicamente relacionado a essas normas (SANTANA; BERGANO, 2005, p. 566-667).

O modelo educacional adotado nas escolas que vem se desenvolvendo sob uma lógica cartesiana, subordinado à produção e reprodução da desigualdade, exclui o sujeito independente de sua condição. Em diversas áreas do conhecimento de modo específico no ato de ensinar e

² Nome atribuído ao estudante do Ensino Médio que serviu de inspiração para o professor Senna iniciar o seu texto: reflexões sobre mídias e letramento. Com o seu perfil de professor pesquisador aproveitou a frase dita por Felipe: “essa parada de botar o chulé no caderno é um pé no saco”. Frase dita enquanto falava ao celular após ser desafiado a construir um texto.

aprender uma língua no contexto da diversidade humana há que reconhecer as necessidades específicas de cada pessoa no processo de escolarização.

Estudos sugerem que pessoas surdas, mesmo depois de terem passado por longos períodos de escolarização, apresentam dificuldades no uso da linguagem escrita. Na verdade as limitações nessa esfera não são exclusivas das experiências escolares de surdos, nem inerentes à condição de surdez: um dos principais problemas está nas mediações sociais dessa aprendizagem, mais especificamente, nas práticas pedagógicas que fracassam também na alfabetização de ouvintes (GÓES, 1999, p. 01).

Segundo Damázio (2007), os entraves na escolarização das pessoas surdas ocorrem devido à perda da audição e pela forma como as propostas pedagógicas estão estruturadas nas escolas. “Muitos alunos com surdez podem ser prejudicados pela falta de estímulos adequados ao seu potencial cognitivo, sócio-afetivo, linguístico e político-cultural e ter perdas consideráveis no desenvolvimento da aprendizagem” (DAMÁZIO, 2007, p. 13).

O estudo realizado por Mendes (2002/2003) aponta que as pessoas surdas apresentam uma capacidade cognitiva semelhante a dos ouvintes e ainda assim o desenvolvimento acadêmico dos surdos encontra-se inferior ao desempenho dos ouvintes. Essa constatação nos permite mais uma reflexão.

A inadequação do sistema de ensino e o despreparo do professor para implementar ações apropriadas junto a esse alunado passam a ser pontos para consideração. Pois, se os alunos surdos apresentam capacidades cognitivas similares aos ouvintes, por que uns desenvolveram menos habilidades acadêmicas? Será devido à sua dificuldade de comunicação verbal? Ou do tipo de ensino que lhes têm sido oferecido? (DIAS; SILVA; BRAUN, 2013, p. 97).

As autoras nos remetem a refletir sobre a ineficiência dos sistemas educacionais associada às práticas pedagógicas adotadas em escolas brasileiras. Consequentemente, um problema que pode estar relacionado com diversos fatores, na maioria dos casos, acaba sendo relacionado apenas ao fator surdez.

Desse modo, os surdos acabam sendo representados como os estranhos, os que não se adaptam ao processo, devido à falta do sentido da audição. Vale destacar o que afirma Nembri (2016, p. 101):

“o problema da surdez, da forma como é tratado, está intimamente ligado – por mais redundante que possa parecer – ao ‘ter audição ou não ter audição’ e quase nunca ao fato do ‘saber ouvir ou não saber ouvir’”. Retomando Nembri, concebe-se que:

Vivemos em uma sociedade onde as pessoas que a compõem, muitas delas, apesar de “terem audição”, não tem, necessariamente, a capacidade de “saber ouvir”. E esta é, hoje, em alguns círculos de influência conscienciosos, uma discussão das mais oportunas e não só por parte dos que vivenciam a comunidade surda (NEMBRI, 2016, p. 101).

A reflexão sobre a capacidade de saber ouvir perpassa por análise que transcende o sentido da audição. A capacidade de ouvir as vozes que ecoam nas expressões silenciosas, ou não, dos estudantes e, de modo específico, dos estudantes surdos precisa ser vivenciada no contexto escolar. Para Nembri (2016, p. 103), a “adaptação se fará em meio a diferentes abordagens tentando operar a integração dos sentidos restantes que, a bem da verdade, não parece ser o objetivo preponderante ou mais importante da aprendizagem do sujeito surdo”. Complementa o autor: “tenho a convicção de que nenhuma abordagem educacional dará certo se, nela, não estiverem embutidas, além do conhecimento, doses extras de amor e de paciência” (NEMBRI, 2010, p. 62).

E dessas doses Nembri entende bem. A seguir daremos ênfase à entrevista realizada com Armando Guimarães Nembri³, dia 29 de outubro de 2018, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

As trilhas do sucesso apontadas por um surdo

Armando Guimarães Nembri nasceu no Rio de Janeiro no início da década de 1960. Ao nascer, o médico disse a sua mãe: “a senhora sabe que o seu filho não é normal”. Poderíamos aqui trilhar uma discussão sobre o conceito de normalidade na própria concepção de Nembri. Contudo, deixaremos essa reflexão para um momento oportuno.

Diante do entrevistado e da constatação da indelicadeza do médico, poderíamos repetir um questionamento também apresentado

³ A entrevista foi realizada na língua portuguesa (oral) e transcrita na íntegra.

pelo entrevistado: “*O que é ser normal?*” Será que a surdez e a diferença visível de Nembri tirariam dele a normalidade? “Até esteticamente, eu tinha nítido o diferencial. Por onde eu andava, era notado. Eu era o “diferente”... evidentemente diferente” (Nembri, 2016, p. 29). Além da surdez, ele nasceu sem as orelhas e com várias outras complicações devido à síndrome de Goldenhar.

Assim começava, após uma visita a um conceituado neurocirurgião à época, a minha caminhada no mundo dos ouvintes, tendo a garantia de que eu não seria um deles. E precisava ser? Assim começava a “trilha” em busca da delicadeza que um dia eu iria encontrar. A afirmativa dada pelo famoso neurocirurgião à minha mãe se deu após examinar-me. Ele estava diante de um bebê com uma paralisia facial no lado direito, acarretando o não fechamento do olho correspondente ao mesmo lado, com um demasiado “entortar” contínuo da boca e uma assimetria facial acima dos padrões normais, com problemas em ambos os olhos (o esquerdo com uma camada gelatinosa e, na qual, até hoje, não se pode “mexer”, e o direito com uma ininterrupta hemorragia, às vezes intensa, às vezes branda), com problemas respiratórios que geram um “respirar” normal por apenas uma das narinas – a outra funciona precariamente -, com problemas na boca, via faringe e esôfago, sem os pavilhões auditivos - orelhas externas – e com os órgãos da orelha média, responsáveis pela condução das ondas sonoras até a orelha interna, deformados no lado esquerdo e inexistente no lado direito, impactando, sobremaneira, na orelha interna de ambos os ouvidos, mais especificamente, na área coclear, responsável pela audição e pelo equilíbrio. Foi assim, meio que superficialmente, que aprendi. Quanto à espondilodiscopatia degenerativa, eu só iria ter noção de sua existência décadas depois. As dores me levaram a conhecê-la e a saber que conviveria com ela até o meu último suspiro nesta vida (NEMBRI, 2016, p. 28).

De posse desses conhecimentos sobre a condição física do entrevistado seguiremos com a nossa intensão de compartilharmos “trilhas” possíveis que levaram um surdo ao sucesso. Doutor Nembri, possui o domínio de várias línguas, entre elas, podemos destacar a língua inglesa, a língua portuguesa (oral e escrita), a língua espanhola, língua de Sinais Brasileira e até a língua de Sinais Americana (*American Sign Language*).

No universo de surdos brasileiros foi possível encontrar um surdo que se destaca em meio à comunidade surda, devido ao seu

sucesso no processo de escolarização que segundo o próprio entrevistado envolve dois fatores fundamentais: “*condição e vontade*”.

Nesse mundo as pessoas precisam ter condição e as pessoas precisam ter vontade. Tem algumas pessoas que tem condição, mas não têm vontade. Existem pessoas que tem vontade, mas não têm condição. Existem outras que vão demorar um pouco mais. Não tem condição e não tem vontade. Você está falando com uma pessoa que tem condição e vontade. Eu tive uma família que teve condição e muita vontade. Eu aprendi com essa família numerosa que eu também precisava para ter sucesso nessa vida enquanto surdo atuante e ouvinte meio falso, porque eu ouço com os olhos, eu aprendi que há uma diferença muito grande entre ter o sentido da audição perfeito e saber ouvir, nós vivemos no mundo que a maioria tem o sentido da audição perfeito. Mas, nós não estamos no mundo que a maioria sabe ouvir. O forte, vamos dizer assim, a importância no mundo é você saber ouvir o outro. Estou cansado de ver pessoas que têm o sentido da audição perfeita, mas, não sabem ouvir. Isso é o que me salva. Talvez eu não tenha o sentido da audição o suficiente para conversar com as pessoas, mas, eu tenho certeza que sei ouvir. Isso faz toda a diferença. Então repetindo, tem pessoas que tem condição, mas não tem vontade, tem pessoas que têm vontade, mas não tem condição, tem pessoas que não tem condição e nem vontade, demora um pouco mais. Mas eu sou de uma família que teve condição e vontade. Fazendo com que eu aprendesse essa questão. Você está falando com uma pessoa que tem condição e vontade de aprender (NEMBRI, ENTREVISTA CONCEDIDA DIA 29/10/2018).

As trilhas percorridas por Nembri, não foram de fácil acesso e nem sempre foram prazerosas para ele. Principalmente quando era criança. Obviamente, preferiria brincar, jogar bola, ou se ocupar com outras coisas, a ter que ir para duas escolas. A rigidez de sua mãe que na época era professora do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, o levou para a uma “trilha” desconhecida na década de 1960, e isso lhe rendeu muitos frutos. Sua mãe foi odiada por ele, durante um período de sua adolescência. Contudo, o entendimento sobre as atitudes de sua mãe, veio juntamente com as conquistas pessoais, acadêmicas e profissionais.

Eu tive profissionais por causa de minha mãe que conhecia profissionais de alta envergadura técnica. E eu pude conhecer profissionais fora do Brasil também excelentes. Então a minha forma de falar ela não veio só do Brasil e ela veio também por uma condição que não é preenchida pela maioria dos surdos. A maioria dos surdos

não tem uma mãe professora já conhecedora do assunto. A maioria dos surdos vive, em condições precárias. A maioria dos surdos vive com as famílias protegendo ao extremo. Então no meu caso eu tive uma professora que entendia, (minha mãe) ela me amava 24 horas por dia, tinha uma condição socioeconômica que me permitia viajar e mais, eu não fui protegido eu fui jogado as feras. E naquele dia que eu fui jogado as feras pela primeira vez, eu não esqueço, eu abominei a atitude de minha mãe. Só depois de muitos anos que eu compreendi o fato dela estar rigorosamente certa (NEMBRI, ENTREVISTA CONCEDIDA DIA 29/10/2018).

Realmente, Nembri não pode ser generalizado como ele mesmo diz. Ele teve “condição” e soube aproveitar. Isso fez toda a diferença. Teve a oportunidade de experimentar o que há de mais avançado em termo de escolarização no Brasil e no exterior. Quantos surdos brasileiros compartilham dessa realidade de Nembri? Poderíamos arriscar a resposta buscando e deslocando uma fala do próprio entrevistado: “*eu sozinho*”.

Como eu havia conversado com você antes, a minha surdez não pode ser generalizada. Na minha tese um dos professores perguntou porque eu afirmava aquilo e eu respondi: que a maioria dos surdos do Brasil, eu não posso falar de fora porque fora existem alguns surdos que realmente tiveram o mesmo aprendizado que eu. Mas, no Brasil não. Eu vou explicar o porquê. Vou repetir pra você. A minha mãe quando eu nasci ela já era professora de surdos. Já é aí um dado muito importante. Ela, como professora de surdos já com uma escolaridade boa. Nasci no mundo já muito abençoado que a minha mãe conhecia o meu problema. Além disso, a condição socioeconômica da minha família era privilegiada. Você sabe que no Brasil a condição socioeconômica da maioria dos surdos é muito ruim.

Somado a isso nós sabemos que 90% dos surdos nascem no seio de uma família ouvinte. Apenas 10% nascem no ceio de uma família surda e é uma diferença muito grande entre esses nascimentos. O surdo que nasce no seio de uma família surda, o problema dele passa ser apenas social e ele é motivo de alegria e surdo que nasce no seio de uma família ouvinte, o problema passa a ser médico e é motivo de tristeza.

Bem, no meu caso, embora eu tivesse minha mãe professora de surdo e uma condição socioeconômica privilegiada, minha mãe teve que cuidar do Armando que está diante de você de uma maneira

diferenciada, porque além da surdez ela tinha Síndrome de Goldenhar para cuidar. Porque o surdo (como você sabe) ele tem uma deficiência invisível. O surdo passa ao seu lado e você nem o vê passar. Pode ser mais um cidadão silencioso ao seu lado. Mas, no meu caso não.

No meu caso aonde eu passo acerco os olhos ali. Eu sou fisicamente diferente do que se convencionou como algo aceitável. As pessoas têm um olhar mais ou menos simétrico, tem um nariz sem problema, uma boca sem problema, orelhas e eu saí um pouco desse padrão. Eu tenho uma simetria facial, problemas nos olhos, quem olha bem, vê. Problemas no nariz, na boca, por causa da paralisia facial, que é crônica desde nascença. Foi minimizada por muito treinamento. A falta do pavilhão auditivo passa uma estética física facial meio fora do convencional e, além disso, os problemas internos fazem com que a minha audição seja praticamente zero. Eu não sei o que é som (NEMBRI, ENTREVISTA CONCEDIDA DIA 29/10/2018).

No final dessa fala, Nembri afirma: “*eu não sei o que é som*”. Poderíamos tecer outra indagação: como não sabe o que é som, nasceu surdo, domina a intensidade do som na fala e ainda toca piano? Bem, pode ser, quem sabe, pela “*decoreba do esforço*”. O esforço é algo que sempre esteve presente em sua vida. “*A decoreba do esforço é uma das partes mais complicadas e desafiadoras ao surdo que quer ser oralizado*” (NEMBRI, ENTREVISTA CONCEDIDA DIA 29/10/2018).

O domínio da oralidade, leitura e escrita

Neste momento da entrevista já não era possível segurar a curiosidade para saber como aconteceu o processo de aprendizagem e domínio da oralidade, leitura e escrita. Contudo, Nembri conseguiu aumentar ainda mais a curiosidade. Como sempre, muito cuidadoso e detalhista, primeiramente contextualizou historicamente a situação vivenciada pelos surdos ao longo de vários séculos. Lembra Nembri que as pessoas surdas vivenciaram um silêncio e um abandono perverso.

Até o século XVI o surdo era considerado ineducável, incapaz. A partir do Século XVII, o surdo começou então a ser considerado alguém que também conseguia pensar. Então a partir do século XVIII, depois da descoberta que o surdo poderia pensar um Método Combinado Francês considerou que o surdo poderia ter a língua dele a língua 1

chamada L1 e aprender também a língua 2 a língua da sociedade ouvinte na modalidade escrita e modalidade oral. Então, por 125 anos o surdo cresceu tendo a sua língua respeitada. A sua língua respeitada por Abade francês L'Epée por uma modalidade de língua de sinais que rapidamente foi incorporada ao ideal de surdos. O método combinado Frances respeitava a língua de sinais criada por Abade L'Epée e por 125 anos fez muito sucesso.

De 1755 até 1880, 125 anos com o Método Combinado Francês. Porque 1980? Porque em 1980 houve um Congresso chamado de Congresso de Milão onde a modalidade oral defendida pela escola Alemã foi vencedora. Bem, eu tenho a ata do Congresso de Milão. Então lá está claro. Os professores surdos não puderam votar e a votação foi feita por professores ouvintes. Então a modalidade Alemã que defendia a abordagem oral foi vencedora.

A partir de 1880, o surdo foi proibido de usar a língua de sinais. Então nada que seja obrigado vai funcionar, você pode tentar, mas, obrigar a você fazer algo que você não quer você não conseguirá ter excelência. O surdo foi obrigado a falar. A modalidade Alemã levou mais ou menos 100 anos. Foi só em 1980 que o Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES que é o Instituto referência na educação de surdos trouxe pra nós o Bilinguismo. E o bilinguismo hoje reflete a ojeriza que o surdo tem a oralidade. O bilinguismo hoje pega mais ou menos o modelo combinado francês. Mais ou menos, vou dizer por quê. Há o respeito a L1 do surdo que é a língua de sinais mais a L2 da sociedade ouvinte apenas na sua modalidade escrita. O surdo não é obrigado à oralidade. Só que hoje 80% dos surdos no mundo (o Brasil não foge a regra) são analfabetos na língua escrita portuguesa (NEMBRI, ENTREVISTA CONCEDIDA DIA 29/10/2018).

Continuou destacando as dificuldades que tiveram que superar antes de abordar a questão da fala e da escrita. Relatou que a sua educação não foi simples. Não havia somente a surdez para resolver. Lembrou o complexo que sofreu na sua adolescência com os hormônios aflorados em uma sociedade que enaltece a beleza física e “*eu não tenho a beleza física enaltecida em função da síndrome. Então o complexo veio rápido. Além da surdez a minha mãe teve que erradicar o complexo*” (NEMBRI, ENTREVISTA CONCEDIDA DIA 29/10/2018). Complementou:

Nós não podemos começar a avaliar o meu problema a luz da escrita, a luz da fala. Meu problema foi muito maior e precisava ser resolvido antes de começarmos qualquer coisa. A partir da erradicação do complexo é que eu tive toda condição de começar a falar, começar a ouvir com os olhos e aí tudo modificou. Mas, levou muito tempo. Pra você ter uma ideia a minha graduação se deu com 33 anos. Eu me graduei em tempo que a maioria já está terminando o Doutorado. (...) porque no Brasil temos um problema sério que é a questão educacional.

Eu faço uma pergunta pra você, minha amiga, que eu estou gostando muito de estar aqui. Você já pensou que se a educação dos ouvintes é essa coisa que está aí, imagina como está à educação dos surdos? A educação dos surdos no Brasil é um (termo forte). Eu vou procurar um termo para substituir esse termo forte. A educação no Brasil para surdo é lamentável é algo mais forte do que isso, mas eu prefiro ser educado (NEMBRI, ENTREVISTA CONCEDIDA DIA 29/10/2018).

Após contextualizar o processo histórico vivenciado pelos surdos, os problemas que ele teve que superar e destacar a situação “lamentável” que perpassa a educação dos ouvintes e dos surdos, Nembri revela o seu processo de aprendizagem e como chegou ao domínio da oralidade, da leitura e escrita, com ênfase no que ele denomina de “ensino concomitante”.

Eu aprendi a escrita da mesma forma que você. Normalmente, só que minha mãe ela servia de intérprete para explicar na Libras o que eu deveria fazer em português. Então comecei soletrar as palavras no dicionário e conhecer as regrinhas do português básicas, e essas regrinhas do português básicas sendo bem explicadas em Libras fizeram toda a diferença na minha vida é claro que tive que aprender concomitantemente a leitura labial, eu precisava aprender como se falava cada palavrinha. Você poderia assistir “A Família Bélier”. É um filme no qual uma família surda que tinha uma ouvinte. O pai para entender o que a filha estava cantando, o pai encostava nela para sentir a vibração. Então era assim que eu aprendia. Eu tinha a Libras para ensinar as regras do português. Então eu aprendia como eu deveria falar o português e como eu deveria escrever o português.

Veja bem, eu fiz uma leitura do dicionário como um todo. Cada palavrinha do dicionário. Então eu tinha que saber: uma palavra oxítone terminada em a, é, o, i, obrigatoriamente leva acento. Se não levar acento é porque ela é paroxítone. Toda palavra proparoxítone obrigatoriamente leva acento. Então, eu ia aprendendo na leitura da

língua portuguesa concomitantemente com a Libras, no tempo que a oralidade era obrigatória.

Minha mãe como professora de surdos ela era obrigada a ser oral no Instituto Nacional de Educação de Surdos. Mas com o ensino dela ela fazia concomitância. Ou seja, minha mãe teve uma Tese. Só que ela não escreveu essa Tese. A Tese dela sou eu. Eu já tive a oportunidade de escrever a Tese. Então, eu fui muito ajudado para conhecer a estrutura da língua portuguesa na medida em que eu também conhecia a estrutura da língua de sinais. Porque são duas estruturas completamente distinta: códigos, gramática, completamente diferentes.

Mas tem um outro detalhe, a decoreba do esforço. Porque nós estamos falando um com o outro, muito perto. Então eu tenho que decorar o esboço da fala de modo que eu não esteja falando muito exagerado com você ou muito baixo com você. Imagina, estando perto agora e eu falo muito alto e acabo cuspindo encima de você? Então eu tenho que controlar o som de modo que eu fale e você me entenda, também que não seja muito alto ao seu ouvido e também não seja muito baixo (NEMBRI, ENTREVISTA CONCEDIDA DIA 29/10/2018).

Segundo Nembri, esse processo levou uns 30 anos. Uns 20 anos para conversar, para ler e escrever. E mais uns 10 anos para perceber a vibração do corpo. Durante a conversa, às vezes coloca a mão sobre o ombro da pessoa para sentir a vibração e facilitar a leitura labial. Relata que este processo não foi simples. Apresentou muitas dificuldades para unir o conceito aos seus devidos sons. Lembra que falava: “*senta no “sofa” pra tomar “sopá”*”. Este é um dos desafios da língua oral para a pessoa surda. “Assim como determinada cadeia de sons deve ser unida a um significado para construir uma palavra, também o conceito ou o significado deve unir-se a sons específicos” (FROMKIN; RODMAN, 1993, p. 3).

*Meu aprendizado foi concomitante a concomitância normalmente gera uma bagunça na cabeça. Mas de tanto ser concomitante, o próprio ser humano que é fantástico começa a separar as coisas, então a cabeça organiza. Eu recomendo a concomitância. Mas, aviso, vai dar uma bagunça forte. Mas, essa bagunça aos poucos vai se organizando. Eu chegava a falar: *senta no “sofa” para tomar “sopá”*. Então eu misturava a estrutura da língua de sinais com a estrutura da língua portuguesa. Você sabe que pra falar o inglês você precisa pensar no inglês se você pensar no português o seu inglês não vai sair adequadamente. Então, eu falava português pensando em Libras, eu falava libras pensando em português.*

A concomitância faz uma bagunça danada, mas aos poucos vai compreendendo a estrutura, o símbolo, o código gramático de cada língua, o próprio cérebro humano que é fantástico, começa a separar. Hoje eu estou falando bem com você o português pensando em português. Se eu quiser falar Libras com você eu vou falar, mas, pensando em Libras. Porque se você não tiver a consciência de que está obedecendo a estrutura a fala não sai condigna e a escrita também não. No caso o português porque nós não temos uma escrita de sinais ainda bastante evidente no Brasil, não temos. Acredito que no futuro quem sabe, a gente pode ter. Mas, no momento não. Vamos ver se a gente chega lá

Vou fazer uma observação: Quanto mais cedo o processo ocorre mais facilita o processo. Digamos que você seja uma surda que aprendeu a falar Libras fluentemente, sua língua é Libras, trazer você para o aprendizado do português já com um condicionamento muito forte, esse é um impeditivo para que você aprenda mais rapidamente. É necessário logo no início da vida a pessoa surda seja estimulada nas duas línguas para que o processo concomitante cause a bagunça na cabeça no tempo adequado para causar bagunça porque a medida que você vai crescendo o próprio cérebro trabalha isso de modo a separar as estruturas os símbolos, os códigos e a gramática. Você tem que apostar nisso, mas, é preciso ter condição para tal e muita vontade. Porque você erra o tempo todo. É cansativo. Muitas vezes, estou confessando, eu queria parar de falar o português e escrever português. Eu queria mesmo era ficar na Libras como a maioria dos surdos, os surdos normalmente ficam satisfeitos com a Libras. Então é necessário para que eu me faça entender por você falar no seu código também porque eu perguntei: como é a sua fluência na Libras? Eu talvez não fosse o Armando que estou sendo em português. Talvez a nossa conversa em Libras pudesse ter gargalos incompreensíveis. A medida que mais ouvintes chegam perto de nós surdos, mais surdos vão querer aprender a estrutura da língua escrita com mais facilidade e a estrutura da língua oral com mais facilidade (NEMBRI, ENTREVISTA CONCEDIDA DIA 29/10/2018).

O protagonismo do “eu sozinho”

É comum entre a comunidade surda perceber a luta travada para defender a língua de sinais. Dificilmente encontraremos um surdo que defende a língua portuguesa na modalidade oral para as pessoas surdas. Entre os 16 surdos doutores no Brasil encontrados pelo

próprio Nembri (2016) em sua Tese intitulada: “Do Silêncio aos Caminhos e Descaminhos de Doutores e Doutorandos Surdos: a “fala” sem eco num mundo ouvinte”, nenhum surdo defendeu a Tese na língua oral. Todos defenderam em língua de sinais. Armando Nembri foi o único surdo a concluir o doutorado sem intérprete e a defender a Tese na língua oral. “Hoje não vemos com tanta ênfase a exigência do ensino da fala da língua vernácula, mas português escrito - como língua pela qual são possibilitadas as relações de identificação com uma nação” (WITCHES; CORCINI, 2015, p. 12).

Nesse universo do “eu sozinho”, talvez seja o único surdo a defender o método do Bilinguismo baseado no Método Francês que trabalha a língua de sinais e a língua oral e escrita da comunidade ouvinte. Segue o seu argumento:

o quadro é muito triste. 80% não conseguem escrever corretamente e como o modelo oral também não é necessário sobra apenas a Libras. Nós precisamos respeitar a Libras? Sim, nós precisamos. A língua precisa ser respeitada. Obvio. Mas eu acredito que o código comum da sociedade ouvinte precisa ser conhecido. Vou dar um exemplo: se você for aos Estados Unidos apresentar um trabalho de grande envergadura acadêmica se você apresenta-lo em português você vai ter uma receptividade, mas, se você apresenta-lo em inglês a receptividade será completamente diferente. Muito mais vantajoso pra você que procura um melhor resultado para o seu trabalho. Mesma coisa agora o Armando defendendo o ponto de vista dele em Libras, eu faço sucesso com o surdo. Mas, se eu defender a minha abordagem em Libras com ouvinte se não tiver ninguém que entenda eu vou jogar fora todo um potencial que poderia ser alcançado por falar fora do comum com aqueles que estão me ouvindo.

Então hoje, eu defendo um retorno ao método combinado francês ressaltando o bilinguismo, mas acrescentando que a modalidade oral precisa ser oferecida dizendo a importância dela, também dizendo a importância da língua escrita. Porque, veja bem, hoje já falam muito na escrita de sinais. O surdo já tem escrita de sinais, mas elas não foram disseminadas adequadamente.

Infelizmente, o surdo ainda pede emprestada a língua do outro. E se eu pedir emprestado a sua língua a língua portuguesa sabendo que 80% dos nossos surdos são analfabetos dessa língua agente só tem a língua de sinais para expor os nossos maiores problemas. E aí vamos continuar longe de vocês, porque se você pegar um trem se pegar um ônibus, olhar para um grupo de surdos, os surdos vão estar só entre

eles. E eu que falo o português e falo Libras, tenho sempre que ser o intermediário. Essa posição é louvável? Claro que é. Mas é uma posição que denota o bloco do eu sozinho. O bloco do eu sozinho é muito ruim. Eu preciso ser o intermediário entre surdos e ouvintes quando eu sei que muitos surdos podem falar com os ouvintes. Desde que saibam ter a vontade necessária para falar com os ouvintes.

O surdo pode falar, escrevendo e pode falar em oral só que o oral é detestado e a escrita nós estamos muito incipientes ainda. Ou seja, o futuro precisa ser alterado e a partir de agora com o surdo aprendendo a escrever, com o surdo aprendendo a falar. Então, nós não podemos obrigar o surdo a falar, apenas explicar que há uma possibilidade dele falar caso queira aprender, nós não podemos mais obrigar o surdo, mas quando o surdo percebe que já existem muitos ouvintes chegando para aprender Libras, o desejo de aprender o português vai aumentar.

Nós nunca tivemos tantos ouvintes aprendendo Libras como agora. Os meus cursos de Libras são muito frequentados. Então eu peço paciência conosco para que quanto mais ouvintes aprendendo libras mais surdos vão querer retribuir esse aprendizado. Nós temos que aumentar paulatinamente e sempre o aprendizado da língua portuguesa para o surdo na modalidade escrita, mas oferecendo a modalidade oral para quem quiser experimentá-la. Nada obrigatório. Mas, a chegada de vocês ouvintes para aprender a Libras abre um cenário maravilhoso para o surdo também retribuir, aprendendo a escrever melhor o português e falar melhor o português.

O principio da motivação está na necessidade. Quando o surdo percebe que o ouvinte está fazendo força para aprender a Libras ele vai retribuir fazendo o mesmo esforço para aprender o português (NEMBRI, ENTREVISTA CONCEDIDA DIA 29/10/2018).

Ao defender o uso da língua oral por parte dos surdos, os argumentos de Nembri nos fazem refletir que: “de fato, as manifestações naturais da linguagem humana são configurações de qualquer língua natural, dotadas de sentido, e visando um dado objetivo comum” (MATEUS; BRITO; DUARTE; FARIA, 1983, p. 185). No caso específico, o objetivo para Nembri consistia em alcançar ouvintes e surdos e se fazer entender por todas as pessoas.

Algumas considerações: para além da surdez

Refletir sobre as trilhas no processo de escolarização dos estudantes surdos nos possibilitou percorrer alguns caminhos que perpassaram por apontamentos iniciais sobre o contexto escolar que vivenciam estudantes que se excluem ou são excluídos da escola por diversos motivos. As reflexões evidenciaram ainda que as políticas educacionais voltadas para as pessoas surdas demandam novos debates com relação às concepções pedagógicas adotadas no processo de escolarização.

A entrevista concedida por Armando Nembri nos apontou uma experiência de sucesso no processo de ensino e de aprendizagem de um surdo, para além do domínio da língua oral, escrita e de sinais. Um surdo que conseguiu aproveitar a “condição” financeira favorável e teve em seu cerne a “vontade” e o desejo de pertencer a essa sociedade que, historicamente vem separando pessoas e grupos por diferenças diversas. “A decoreba do esforço” aliada às oportunidades e ao apoio familiar possibilitou saberes diversificados e experiências que ultrapassam as trilhas escolares e estão para além da surdez.

O protagonismo de Nembri nos revela trilhas possíveis no processo de escolarização de pessoas surdas. Contudo, precisamos considerar que “o estudo da língua em função tem determinação de critérios diversos” (NEVES, 2012, p. 69). E cada pessoa surda é única e tem suas próprias características, necessidades e adversidades que fazem parte dos caminhos e descaminhos que certamente vivenciam os surdos brasileiros.

Ao Nembri, este ser humano, pai de família, profissional e surdo, o nosso agradecimento e admiração pelo exemplo de superação e de humanização que permeia suas atitudes e vivências que são difundidas diariamente em suas práticas e em seus escritos. Consciente dos desafios, compartilhamos do desejo de termos uma sociedade que se reconheça nas diferenças humanas e escolas capazes de trabalhar com essas diferenças, sem excluir pessoas.

REFERÊNCIAS

- DAMÁZIO, Mirlene Ferreira. **Atendimento Educacional Especializado para pessoas com surdez**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.
- DIAS, Vera Lúcia; SILVA, Valéria de Assupção; BRAUN, Patricia. A inclusão de aluno com deficiência auditiva na classe regular: reflexões sobre a prática pedagógica. In: GLAT, Rosana (Org.). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007
- FROMKIN, V.; RODMAN, R. **Introdução à Linguagem**. Tradução de Isabel Casanova. Coimbra: Editora Almedina, 1993.
- GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, surdez e educação**. Coleção Educação contemporânea. 2. ed. Campinas, SP: Autores associados, 1999.
- MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I. & FARIA, I. H. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1983.
- NEMBRI, Armando Guimarães. **Do Silêncio aos caminhos e descaminhos de doutores e doutorandos surdos: A fala sem eco num mundo ouvinte**. 2016. 261 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- NEMBRI, Armando Guimarães. Ser Surdo no Mundo Ouvinte. In: Silva, Angela Carrancho da; NEMBRI, Armando Guimarães. **Ouvindo o Silêncio: surdez, linguagem e educação**. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- NEVES, Maria Helena de Moura. "A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros." *São Paulo: Parábola Editorial* (2012): 48-80.
- SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação & Sociedade**, p. 565-582, 2005.
- SAPIR, Edward. Cultura: autêntica e espúria. **Sociologia & Antropologia**, v. 2, n. 4, p. 35-60, 2012.
- SENNA, Luiz Antônio G. **Reflexões sobre mídias e letramento**. In: OLIVEIRA, I B; ALVES, N; BARRETO, R G Orgs. (2005) Pesquisa em educação: métodos, temas e linguagens. Rio: DP&A.
- WITCHES, Pedro Henrique; CORCINI LOPES, Maura. Educação de surdos e governamentalidade linguística no Estado Novo (Brasil, 1934-1948). **Revista História da Educação**, v. 19, n. 47, 2015.